

Teatro

O alter ego feminino de Plínio Marcos

Texto inédito do dramaturgo revela uma personagem inspirada em suas próprias sessões de tarô no Copan

Leonardo Nunes

Diante de um baralho disposto sobre a mesa, a mulher desesperada tremula a mão como se isso garantisse uma boa resposta. Ao puxar qualquer uma do mazo, ela não imagina que a gravura de uma torre revelada rememora o monumento construído em Babel. Em São Paulo, ela poderia se chamar Edifício Copan, tirando a parte de que a torre foi destruída por deus.

Quem está do outro lado da mesa, em seu apartamento no prédio concebido por Oscar Niemeyer, é Plínio Marcos. A experiência do dramaturgo com o mundo místico do tarô resultou em *O Bote da Loba*, espetáculo inédito em cartaz no Teatro Garagem. Escrita em 1997, dois anos antes da morte do santista, a peça aborda a sexualidade feminina no encontro entre uma mulher desesperada e uma taróloga. "Acredito que o texto seja bastante autobiográfico porque ele recebia pessoas, principalmente mulheres para tirar cartas e dar conselhos", explica a atriz Anette Naiman, que vive a maga Veriska.

É em uma sala defumada por incensos que ela se junta à atriz Luciana Caruso para ambientar uma conversa mística e sensual. De maneira distinta dos outros textos do autor, Luciana aponta que a peça tem um ritmo diferente. "A estrutura é composta de longas falas e um tempo mais desacelerado, embora intenso", justifica, em referência à primeira cena em que a jovem Laura despeja seu desespero, as terríveis ensaques e a frustração de ter passado por

Magia. O poder das cartas para despertar o prazer



O BOTE DA LOBA

Teatro Garagem
Rua Silveira Rodrigues, 331.
Tel.: 89122-8696, 6ª, sáb., 21h.
RS 40 / RS 20. Até 17/12.

inúmeros médicos e hospitais sem que o problema fosse ao menos diagnosticado.

O início da peça traz essa dor e exige pesadas lágrimas da atriz, que contracenou com

Anette no espetáculo *Vendidas*, com texto de Leo Lama, filho de Plínio. A peça que estreou no ano passado fez parte de várias homenagens ao aniversário de 80 anos do autor, que nasceu em 29 de setembro. "Eu interpretava uma prostituta que tentava converter as amigas das vantagens da profissão. Agora estou do outro lado, no papel de uma mulher reprimida e que recebe uma oferta libertadora." Essa será a missão da personagem de Anette. Os argumentos da taróloga procuram rebater o pensamento conversador envolvendo o prazer feminino. "A mulher não goza há séculos", afirma. "Em muitas sociedades, o prazer é tratado como direito do homem e não incomoda. Ela vai recuperar as histórias de tribos ciganas e elas que tratam o sexo e o corpo da mulher como motivo de celebração."

O que inquieta na montagem de Marcos Loureiro é que resi-

de ali um mistério sobre a veracidade dos poderes da taróloga. Anette ressalta que o texto não dá pistas que provem a capacidade da maga, embora esteja claro que ela deseja o corpo mulher necessitada. "Ela conta essas histórias para convencer a moça, embora pode ser que ela seja uma charlatã. No entanto, Veriska oferece um caminho de libertação. Isso é o que a carta da torre vai revelar. Laura está aprisionada e precisa romper

QUEM É

PLÍNIO MARCOS
DRAMATURGO E ATOR

Plínio Marcos de Barros nasceu em Santos, no dia 29 de setembro de 1935. Foi um popular escritor e autor, sobretudo durante o regime militar. Aos 25 anos, mudou-se para a capital paulista, atuando em grupos e companhias como a de Cécilia Becker e Nydia Lícia, e em novelas. Foi casado com Walderez de Barros e assinou peças como *Naveira na Carne* e *Dois Perdidos Numa Noite Suja*. Morreu em 1999.



com essa couraça."

Ao tratar dessas questões, Luciana enxerga que o texto não recupera o atual Brasil nesse hiato de quase 20 anos desde a criação da peça. "Estamos vendo muita atenção dada às belas esposas de políticos. Nós sabemos que relação são essas. Talvez pela primeira vez, Plínio colocou uma mulher rica em suas peças. Uma vez, ele disse que achava suas peças datadas, mas sempre vou discordar."



Corporal. Elenco compõe narrativa de paixão entre amantes a partir de movimentos

'Primo Basílio' e bovarismo inspiram montagem sem falas

Luisa, da obra de Eça de Queirós, e Emma são o retrato de mulheres insatisfeitas que criam um universo particular

Não é preciso usar a voz para explicar como foram as quatro semanas de paixão entre Luisa, a esposa de Jorge, e seu antigo namorado, o primo Basílio. Esta foi uma das percepções do elenco de *Casa Apodrecida*, espetáculo que estreia neste sábado, 19. Inspirado na obra de Eça de Queirós, a montagem criada não possui falas, explica o diretor Leonardo Bertholini. "Diante de um roteiro de ações, percebemos que a história poderia ser contada de maneira sensorial, com foco no corpo dos atores."

A peça retrata a vida entediante de uma mulher rica de Lisboa que, durante a viagem do marido Jorge (Marco Biglia), passa a se encontrar com Basílio. As cenas de amor no quarto alagado chamado de Paraíso são protagonizadas pela atriz Nathália Correa e Vandrê Silveira. "Nós

nos apoiamos em uma gênese dessas personagens. Ambos têm características e históricos particulares. De posse desse imaginário, levamos para o palco as cenas mais importantes da história, substituindo a palavra falada pelo diálogo dos corpos", explica a atriz.

O relacionamento escondido vai sofrer com ameaças da empregada Juliana (Bianca Fernandes), que descobre cartas trocadas entre os amantes. O cenário organiza-se para amplificar essa atmosfera de vigilância e de um relacionamento com destino trágico acertado. As cortinas transparentes no fundo do palco cumprem a função de esconder e revelar segredos. "É como se fosse o quartinho da empregada", explica o diretor. "Lá, ficam guardados os entulhos e é inevitável que isso vá invadir a casa grande", ressalta o diretor.

Bertholini também afirma que as características de Luisa encontram identificação na *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, considerado o primeiro romance realista, e até de Blanche DuBois, de *Um Bonde Chamado*

Desço. "São mulheres que precisaram criar o próprio mundo para viver e sobreviver. Isso faz com que elas sofram pressão do mundo exterior, porque não sabem lidar com a realidade." Ele acrescenta que essa liberdade vai além dos rótulos, como nas insinuações de Leopoldina (Camilla Bonnenfant), amiga de Luisa. "São demonstrações do que era negado às mulheres."

Para Nathália, o que pode unir essas figuras é a maneira como encontraram seu refúgio. "No caso de Luisa, o adultério foi o caminho para a redescoberta do próprio corpo. Não se trata do feminismo como entendemos, pois não havia consciência disso. Ao fugir dessa realidade machista, as personagens encontram o paraíso em si mesmas. Mas ainda hoje as mulheres precisam lembrar a posse do próprio corpo." /LN

CASA APODRECIDA
Oficina Cultural Oswald de Andrade. Rua Três Rios, 363.
Tel.: 3222-2662. Sáb., 19h, 2ª, 3ª, 20h. Grátis. Estreia 19/11.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. SECRETARIA DA CULTURA E THEATRO SÃO PEDRO APRESENTAM

THEATRO
SÃO PEDRO

TEMPORADA 2016

direção artística LUIZ FERNANDO MALHEIRO

Orquestra do Theatro São Pedro

novembro | 24, 25 e 28

10h e 14h

Senhor Couve-florido
Miguel Egwuagu | barítono

Ernestine
Anna Beatriz Gomes | soprano

Babylas
Josival Souza | tenor

Petermann
Wesley Rocha | tenor

Madame Balandard
Catarina Taira | mezzo-soprano

Monsieur
Guilherme Hoff | tenor

Coro
Albert Andrade
Amanda Souza
Ana Beatriz Machado
Anderson Pereira Barbosa
Bruno de Sá
Deborah Burgarelli
Edilson Silva Júnior
Jéssica Leão
Lais Assunção do Carmo
Marcela Rahal
Raissa Amaral
Raquel Paulin
William Osório

André Dos Santos
direção musical e regência

André Di Peroli
direção cênica

Giorgia Massetani
Cenografia

Caetano Pimentel
Desenho de luz



SECRETARIA DA CULTURA E THEATRO SÃO PEDRO